

# Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões – para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos Materiais para a Salvação do Mundo publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Este volume reúne três textos que pensam, em claves diferentes, uma salvação política do mundo. Ana Isabel Santos relê *A Cidade de Palaçuin* (1949), de Carlos Eurico da Costa, alegoria surrealista da Lisboa sufocada pelo Estado Novo, denúncia de um clima de terror generalizado, libertação do imaginário, regresso à infância por uma liberdade recuperada, na senda das propostas de Rimbaud e Breton; Bruna Carolina Carvalho repete uma pergunta de Pasolini – como pode o poeta salvar o mundo? – para interrogar a luta de classes no cinema de Glauber Rocha, nomeadamente em *Terra em Transe* (1967), e compreender a responsabilidade política da criação poética, um combate terreno, menos interessado em salvar o mundo presente do que em criar um mundo novo; e Inês Seabra Carvalho, interrogando a pertinência do conceito de «salvação» e seus pressupostos, mostra como a poesia de Manuel Gusmão se define por uma injunção à alegria, ou seja, a um acto político de luta, resistência, invenção do mundo, aceitação do devir e procura de um sentido, que está ausente, mas que «não podemos desistir de procurar».

Pedro Eiras